

IDENTIDADE EM PROFESSORAS ADVENTISTAS: UM ESTUDO PRELIMINAR EM CIAMPA

Henrique Ribeiro Tavares¹
Mitsuko Aparecida Makino Antunes²

RESUMO

Objetivo: Explorar como as dimensões da religiosidade e da docência se entrelaçam nas narrativas de professoras do Ensino Fundamental - anos iniciais, em uma escola confessional adventista. O estudo investiga a identidade como um conceito dinâmico e multifacetado, influenciado por movimentos, contradições e coerências em papéis pessoais e profissionais.

Métodos: Foi realizado um estudo qualitativo e exploratório utilizando entrevistas fenomenológicas reflexivas com duas professoras do Ensino Fundamental - anos iniciais de um colégio adventista na Grande São Paulo. A pesquisa foi fundamentada na Teoria da Identidade Humana de Antônio da Costa Ciampa, com foco na interseção das dimensões pessoais e profissionais moldadas pela socialização religiosa.

Resultados: Os resultados revelaram que as identidades das participantes são marcadas pela metamorfose e moldadas pelos papéis assumidos ao longo do tempo, influenciados pela adoção de valores cristão-adventistas. Esses papéis emergem dos processos de socialização primária e secundária e impactam significativamente as práticas docentes dentro do modelo educacional adventista.

Conclusões: O estudo destaca a relação intrincada entre identidades religiosas e profissionais, enfatizando como os valores adventistas influenciam as práticas de ensino. As narrativas das participantes refletem identidades dinâmicas caracterizadas por transformação e coerência nas esferas profissionais e pessoais. Recomenda-se novas pesquisas para explorar a emancipação identitária e a interação entre religiosidade e docência em contextos educacionais diversos.

Palavras-chave: Identidade docente. Ciampa. Ensino fundamental.

¹Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil). E-mail: psicorhenrique@gmail.com

²Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, (Brasil). E-mail: miantunes@pucsp.br

IDENTITY IN ADVENTIST TEACHERS: A PRELIMINARY STUDY BASED ON CIAMPA

ABSTRACT

Objective: To explore how the dimensions of religiosity and teaching intertwine in the narratives of elementary school teachers in an Adventist confessional school. The study investigates identity as a dynamic and multifaceted concept, influenced by movements, contradictions, and coherence in personal and professional roles.

Methods: A qualitative, exploratory study was conducted using reflective phenomenological interviews with two early elementary school teachers from an Adventist school in Greater São Paulo. The research was grounded in Antônio da Costa Ciampa's Theory of Human Identity, focusing on the intersection of personal and professional dimensions shaped by religious socialization.

Results: The findings revealed that the participants' identities are marked by metamorphosis and shaped by the roles they have assumed over time, influenced by their adoption of Christian-Adventist values. These roles emerge from primary and secondary socialization processes and significantly impact their teaching practices within the religious framework of the Adventist education model.

Conclusions: The study highlights the intricate relationship between religious and professional identities, emphasizing how Adventist values influence teaching practices. The participants' narratives reflect dynamic identities characterized by transformation and coherence within their professional and personal spheres. Further research is recommended to explore identity emancipation and the interplay between religiosity and teaching in diverse educational contexts.

Keywords: Teacher identity. Ciampa. Elementary school.

Editor Científico: Rebeca Pizza Pancotte Darius
Editor Adjunto: Jurany Leite Rueda
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido em 16.08.2024
Aprovado em 01.11.2024

IBEIRO TAVARES, H.; ANTUNES, M. A. M. Identidade em professoras adventistas: um estudo preliminar em ciampa. *Docent Discunt*, Engenheiro coelho (SP), v. 5, n. 00, p. e01647, 2024. DOI: <https://10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v5.n00.pe01647>



EXPLORANDO O REFERENCIAL DE CAMPO: A EDUCAÇÃO ADVENTISTA

O Adventismo nasceu de um movimento religioso, baseado bíblicamente, com características proféticas e missiológicas, em um contexto estadunidense, conhecido como Segundo Grande Despertar Religioso (1790-1840). Após o movimento adventista se tornar uma Igreja (1863), teve início um investimento exponencial na educação.

Por partirem de um contexto religioso, a Educação Adventista (EA) possui objetivos terrenos, como formar o aluno para uma vida profissional, e eternos, tendo o foco na redenção de seus alunos (Knight, 2017). Esses pressupostos irão impactar as questões educativas, como “[...] a natureza do estudante, o papel do professor, a ênfase curricular, as metodologias de ensino e a função social das instituições educacionais” (Knight, 2017, p. 31). A principal autora dos fundamentos educacionais da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) foi sua cofundadora, Ellen G. White (1827-1915), que definiu os professores adventistas, participantes deste trabalho, como *coobreiros* de Deus, tendo a missão especial de proporcionar o contato do aluno com a redenção divina.

A EA, fundamentada na IASD, possui atualmente instituições de ensino primárias, secundárias e terciárias, contendo muitas escolas, alunos e professores. Somente nas escolas primárias, em 2021, apresentava, no mundo, o número aproximado de um milhão e trezentos mil matriculados, além de seis mil e setecentas escolas e um corpo docente de quase cinquenta e sete mil professores (IASD, 2022).

Cadwallader (2006) sumariza os trabalhos de White sobre educação, falando sobre professores adventistas, seus objetivos, responsabilidades e recompensas. Quanto aos objetivos do professor, devem ter a consciência de que estão preparando seus alunos tanto para o mundo terreno, como para a vida eterna, ensinando-os a obediência, além de possuir objetivos pessoais, como crescer intelectualmente e apresentar uma vida de abnegação. Suas responsabilidades incluem a de preparar um trabalho santo a Deus e serem professores-missionários com seus alunos. Alcançados os objetivos e seguindo suas responsabilidades, os professores serão recompensados com o crescimento de seus alunos.

Com isso, o professor, como ser docente, está inserido em um contexto educacional que lhe prescreve papéis. Dele é exigido, além da prática educacional,



ligada ao currículo acadêmico, a aceitação da cultura institucional da escola. A escola adventista fundamenta-se nos valores cristãos - educação, família, honestidade, crescimento espiritual e confiança em Deus -, baseada em uma filosofia cristã de educação, que influencia tanto o projeto pedagógico quanto seus professores, alunos e pais. Em sua identidade, que é dinâmica, pode haver relações entre a sua religiosidade e sua prática docente, pautada também por movimento, transformação e contradição de seus papéis e personagens.

DEFININDO UM REFERENCIAL TEÓRICO: IDENTIDADE COMO METAMORFOSE

Já aparecia nos fragmentos do filósofo pré-socrático Heráclito a ideia de que o princípio das coisas e da origem do cosmos estava ligado ao movimento. O filósofo de Éfeso percebeu que “[...] nada permanece imóvel e nada permanece em estado de fixidez e estabilidade, mas tudo se move, tudo muda, tudo se transforma, sem cessar e sem exceção” (Reale, 2012, p. 64). Utilizando a famosa representação do rio, dizendo que “Descemos e não descemos ao mesmo rio, nós mesmos somos e não somos” (Diels-Kranz, 22 B 12; citado por Reale, 2012, p. 64), constata que “tudo flui” e apresenta ao leitor de séculos depois, duas ideias fundamentais: a *mobilidade das coisas* e as *relações de contradição*. É importante ressaltar que a dialética proposta por Heráclito não tem o mesmo significado que o mundo moderno entende, mas ela serviu de base para a explicação de realidade.

Quanto à *mobilidade das coisas*, Heráclito disse que tudo está em movimento, desde a vida e a morte das coisas, até o ir e vir do cosmos. Para ele, “[...] nada permanece e tudo devém, [...], só o devir das coisas é permanente” (Reale, 2012, p. 64).

Em seus fragmentos, apresentados em Anaximandro, Parmênides e Heráclito (2017)³, manifesta-se a junção dessas duas características, o movimento e a contradição. Para Heráclito, esse princípio de mobilidade, uno e múltiplo, compõe a totalidade. Para ele, o contraste também está ligado à harmonia, pois o cosmos é a máxima representação do que é harmônico. Por isso, ele defende a existência de

³ Livro “Os pensadores originários”, com tradução de Emmanuel C. Leão e Sergio Wrublewski.

uma unidade dinâmica superior, afirmando que ao dar ouvido ao *lógos* (neste caso, *lógos* como substância primordial, como princípio e não lógica usada como método), os princípios do eterno movimento e da contradição se apresenta. O filósofo, vindo de uma visão naturalista de divindade, expressa que esse princípio terá o *divino* como fundamento e origem.

Esse retorno a um dos principais pensadores originários deu-se pela proximidade entre a noção de movimento e contradição e eterno devir com a teoria da Identidade Humana de Antônio da Costa Ciampa que, fundamentado no materialismo histórico-dialético, concebe a identidade como totalidade, movimento, contradição e história, que se expressa nas diversas dimensões do sujeito; em outras palavras, “identidade é metamorfose”.

DEFININDO UM PRESSUPOSTO TEÓRICO PARA A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Todo conceito apresenta variabilidade em função do referencial teórico-metodológico que o alicerça; ou seja, por partir de teorias diferentes ou por métodos distintos. Discutir identidade envolve compreender de que fundamentos os diferentes autores partem e a que áreas de conhecimento pertencem, como psicologia, sociologia, antropologia, literatura e outros.

Lima e Ciampa (2012) apresentam o contexto histórico do surgimento de uma teoria da identidade que surgiu da Psicologia Social brasileira - podendo-se falar, mais precisamente, na Escola de São Paulo, gestada sob a liderança de Silvia Tatiana Maurer Lane, que foi orientadora de mestrado e de doutorado de Antônio da Costa Ciampa. Em meio à grande quantidade de conceituações sobre identidade vindas do exterior, surgiu a necessidade de se desenvolver uma definição que refletisse a realidade brasileira e seus problemas. Para isso, a Psicologia Social buscou fundamentar-se na concepção materialista histórico-dialética (Lima; Ciampa, 2012).

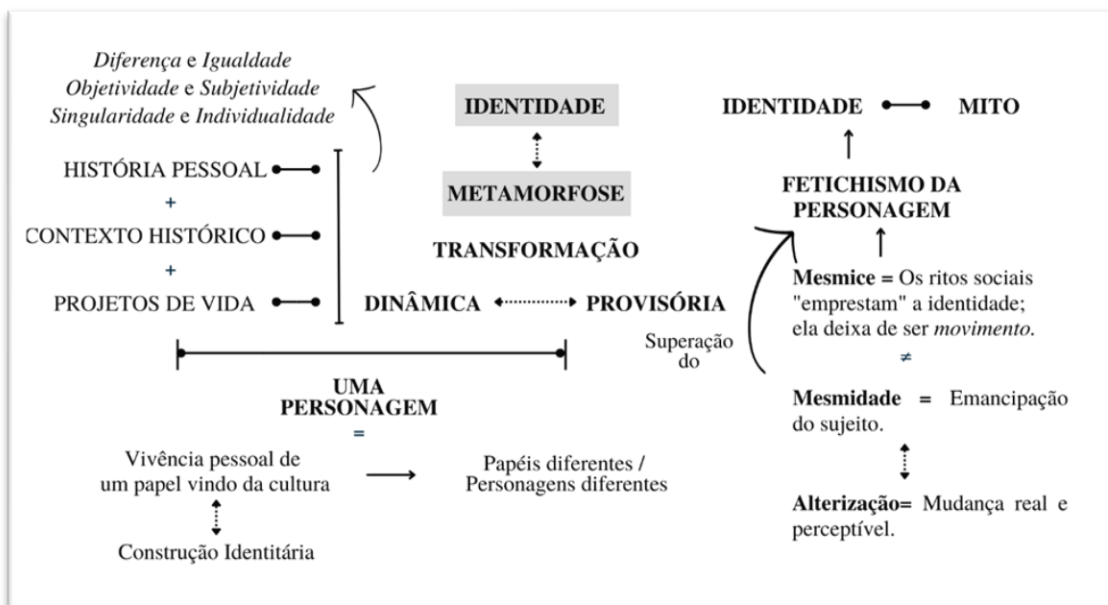
Neste contexto, surge a dissertação de mestrado (1977) e a tese de doutorado (1987) de Antônio da Costa Ciampa⁴; esta última resultou em um trabalho chamado

⁴ Antônio da Costa Ciampa (1937-2022) formou-se em Psicologia pela PUC-SP, concluiu o mestrado e o doutorado em Psicologia Social na PUC-SP, sendo também professor do mesmo Programa. Foi editor da revista “Psicologia

A *estória do Severino e a história da Severina* que, na interlocução com a obra de João Cabral de Melo Neto, estudou a história sofrida e vivida de Severina. Como apresentado de forma simplificada na Figura 1, seus dois trabalhos acadêmicos abordaram a identidade como *metamorfose humana*, utilizando o método da “narrativa de história de vida”. Esse pressuposto tinha como objetivo “[...] explicar tanto como se dava a construção das desigualdades quanto poderia contribuir na compreensão das formas de resistências individuais e coletivas” (Lima; Ciampa, 2012, p. 13).

Com isso, transformou as definições que entendiam identidade como algo estático e uniu a “identidade pessoal” e a “identidade social”, que antes eram apresentadas separadamente. Lima e Ciampa (2012) apontam que a “identidade pessoal” se refere “[...] às marcas distintas do indivíduo, associadas à sua biografia” e a “identidade social” “[...] às categorias sociais a que o indivíduo pertence ou mesmo aos seus papéis sociais” (p. 14).

Imagem 1 - Mapa mental



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Ciampa (1990).

Com base na narrativa da “história da narrativa de vida”, Ciampa procurou “[...] distinguir as personagens encarnadas pelo sujeito da narrativa, tentando

e Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social” (ABRAPSO), sendo um dos principais teóricos no estudo da Identidade.

observar as articulações dessas personagens entre si, como realidade subjetiva” (Filho; Santos, 2017, p. 2). A noção da presença de articulações a partir das personagens presentes na esfera identitária do sujeito é uma característica primordial na tese de Ciampa. Este é um ponto fundamental da Teoria da Identidade de Ciampa que se articula diretamente com os objetivos da presente pesquisa.

Em sua tese, Ciampa (1983/1990) inicia explicitando a importância do nome. Há uma identificação com o nome atribuído ao indivíduo, pois “[...] autentica nossa identidade, é um símbolo de nós mesmos” (p. 131). A comunidade tem uma inclinação a apresentar o indivíduo como sujeito estático e imutável, pois, além do nome, o apresenta utilizando substantivos, e não verbos, apresenta o psicólogo como “aquele que pratica as ciências psicológicas” e o professor como “aquele que ensina e passa seus conhecimentos aos outros”. Isso acontece porque “[interiorizamos] o que é predicado, a atividade coisifica-se sob forma de uma *personagem* que subsiste independentemente da atividade que a engendrou” (p. 133). Isso irá afetar sua realidade subjetiva.

A realidade subjetiva será embalada por noções de *diferença* e *igualdade*, *objetividade* e *subjetividade*, e *singularidade* e *individualidade*, sendo a “[...] singularidade [o] fenômeno que nos diferencia enquanto sujeitos e ao mesmo tempo nos iguala nas expectativas em relação à sociedade; e *individualidade*, como negação de todas as determinações que nos dá acesso à subjetividade e possibilita a reconstrução do Eu a partir das diferenças” (Lima; Ciampa, 2012, p. 16). As noções apresentadas acima carregam relações de afirmação e negação, que surgem na *relação* do sujeito com o mundo, por meio da *atividade* que realiza. Assim, o indivíduo “é determinado pelo que ele não é, pelo que ele (e os outros) nega(m)” (Ciampa, 1983/1990, p. 137).

Ciampa (1983/1990) aponta que “[...] cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais.” (p. 127), explicitando sua visão dialética, que se baseia na concepção de ser humano como sujeito de interações entre os *outros* (mundo) e o *eu*, sendo esse último influenciado pelas ideologias e pensamentos vigentes.

Explicitando as interações entre os *outros* e o *eu*, Baptista (1992) apresenta em sua tese que:

Partindo do grupo de referência “família”, o sujeito, por identificações sucessivas, irá internalizando papéis geracionais, sexuais etc., e, posteriormente, outros grupos de referência permitirão a ele chegar a um grau mais avançado de abstração na aquisição de papéis. Os papéis assumidos terão um grau maior de autonomia em relação aos modelos oferecidos pelos grupos referenciais, surgindo então a identidade do “eu”. (Baptista, 1992, p. 16)

Existindo uma articulação entre os *outros* e o *eu*, o grupo de referência prescreve ao indivíduo uma série de papéis, que são atividades padronizadas previamente (Ciampa, 1983/1990, p. 136), vindos de seus contextos históricos e que o auxiliarão na noção de pertencimento. Ao internalizar os papéis, o sujeito irá tornar sua realidade cada vez subjetiva. Irá solidificar alguns aspectos propostos pelos grupos de referência e negligenciará outros, surgindo um *eu* que “(...) como pessoa se torna igual a todos os outros e o ‘eu’ indivíduo diverso de todos os demais” (Baptista, 1992, p. 16).

Nesse ensejo, torna-se interessante inserir os conceitos de “socialização primária” e “socialização secundária”, pensados por dois teóricos da sociologia, Peter Berger e Thomas Luckmann, e apresentadas no livro “*A construção social da realidade*” (1973/2012). Para estes autores, a sociedade é uma realidade objetiva e subjetiva, formulação esta que foi incorporada ao pensamento de Ciampa.

Pensando em um sujeito que interioriza a realidade, Berger e Luckmann (1973/2012) partem do pressuposto de que a sociedade é uma realidade objetiva e subjetiva. O indivíduo irá fazer parte da sociedade por meio de um processo dialético de três acontecimentos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização. Para os autores, “[...] o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade, [o indivíduo] é induzido a tomar parte na dialética da sociedade” (p. 167).

No processo de interiorização, esse sujeito irá observar o *outro* expressando certos comportamentos objetivos, significativos subjetivamente para esse *outro*, e irá, nesse movimento, significar subjetivamente para *si* os comportamentos exteriores observados. Ou seja, primeiro ele irá entender a existência do *outro* e, em seguida, dar sentido aos comportamentos externos, ele assume “[...] o mundo no qual os outros já vivem,[...], esse mundo torna-se o meu [dele] próprio” (Berger; Luckmann, 1973/2012, p. 168); após ter “assumido” ele poderá criar ou recriar uma realidade já existente.

Dito isso, a socialização primária, cuja base é principalmente a família, é a base para a socialização secundária, pois “[...] é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade” (Berger; Luckmann, 1973/2012, p. 169). Essa primeira socialização possui características elementares como: a) a criança nasce em uma estrutura social já bem delimitada que lhe impõe significados; b) os indivíduos “escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de suas idiossincrasias individuais” (p. 170); c) o movimento de socialização carrega afeto e emoção, ligado à identificação, já que “[...] a criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus” (p. 170).

Com isso, para Berger e Luckmann (1973/2012), a identidade está ligada ao ambiente social em que o indivíduo está inserido, há uma identificação e uma autoidentificação, que

Implica uma dialética entre a identificação pelos outros a autoidentificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada. (...) A identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada *juntamente com* este mundo, (...) todas as identificações realizam-se em horizontes que implicam um mundo social específico”. (Berger; Luckmann, 1973/2012, p. 171)

Seguindo com Berger e Luckmann (1973/2012, p. 174), outras características da socialização primária são: d) o de desenvolver na criança um tipo de generalização quanto aos papéis, pois ela passa a entender que aquilo que aprendeu com as primeiras pessoas com quem se identificou, é real para as demais que estão em seu contexto social; e) importa reconhecer que quando nasce, o indivíduo não poderá optar por outros conjuntos sociais, deverá, inicialmente, lidar com o grupo no qual nasceu, seja “[...] com entusiasmo ou com mal-humorada resistência” (p. 174); e f) aquilo que será interiorizado pelo indivíduo varia de sociedade para sociedade.

A socialização secundária, que terá como base a socialização primária, “[...] é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (Berger; Luckmann, 1973/2012, p. 169). Ou seja, o indivíduo, depois de ter interiorizado, subjetivamente, os conteúdos objetivos realidade na qual nasceu, parte para a interiorização de grupos mediados

por instituições. Um dos grupos mais importante nesse momento é o trabalho, pois é nesse ambiente que o indivíduo irá conhecer novos conteúdos.

Como apontam Berger e Luckmann (1973/2012), essa socialização tem como meio a linguagem, que tem como consequência uma identidade

Podemos dizer que a socialização secundária é a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções diretas ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho. [...] A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa, em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional. (Berger; Luckmann, 1973/2012, p. 179)

Com base nessa formulação, Ciampa afirma a existência de uma identidade coletiva em dois níveis: o *universal* e o *particular*, que estão ligadas a “[...] realidades relativas em função dos contextos e tempos históricos em que estejam inseridas” (p. 16), pois como o próprio Ciampa afirmou, “[...] o singular materializa o universal” (Ciampa, 1983/1990, p. 125).

A concepção de metamorfose humana, visto que o processo de construção da identidade ocorre durante toda a existência do sujeito, parte do fundamento de que o indivíduo assume diferentes *personagens* frente a diferentes *papéis*. É por meio da articulação desses personagens, mediante contextos que exigem a execução de determinados papéis previamente convencionados, que se constitui a identidade. Como aponta Ciampa (1983/1990, p. 125), os personagens apresentam um movimento de “ir e vir”, em uma série de desenvolvimentos.

Diversos contextos, durante a vida do sujeito, produzem condições de diferenciação e de igualdade, em que papéis lhe são atribuídos e personagens são construídas na relação que este estabelece com os outros. Essa relação entre si e os outros, entre a objetividade e a subjetividade de seu próprio *eu* vão desenvolvendo os aspectos/momentos de uma identidade que se transforma.

Relacionado à ideia de *personagens*, Ciampa (1983/1990) alerta que a identidade é sempre pressuposta, até mesmo antes do nascimento de uma pessoa. Essa pressuposição identitária exige que o sujeito reconheça e descubra sua identidade, uma experiência que demanda uma visão dialética, a relação entre o Eu, os Outros e o meio. Surge uma contradição, partes de uma identidade são emprestadas ao indivíduo e, ao mesmo tempo, ele deve reconhecer quem ele é, quem está sendo.

Em meio a esse contexto, há um fenômeno chamado *mesmice* que, para Ciampa, representa o permanente, uma esfera que parece estável ao longo da vida do indivíduo. Lima e Ciampa (2012, p. 18) apresentam este conceito como “[...] aquilo que decorre da reposição de personagens, o que pode se dar como consciente busca de estabilidade identitária ou inconsciente compulsão à repetição”. A personagem, neste caso, depende daquilo que o contexto lhe propõe, da estrutura e dos marcos que o ambiente lhe é capaz de emprestar, pois a “[...] identidade é pressuposta como ‘dada’ permanentemente e não como reposição contínua de uma identidade que um dia foi posta” (Lima; Ciampa, 2012, p. 19).

Quando esse processo de *mesmice* dificulta o movimento de *ser para si mesmo* ocorre o que Ciampa chama de *fetichismo da personagem*, um fenômeno que impossibilita que o sujeito, a personagem, liberte ou emancipe sua identidade. Mesmo entendendo que há uma relação dialética entre a pessoa e o outro, muitas vezes esse grupo de referência empresta tanto significado, através de símbolos, ao indivíduo que este fica “preso” a uma identidade dada, “[...] a metamorfose parece ter cessado, quando dizemos cotidianamente: *eu sou*, em vez de dizermos *estou sendo*” (Lima; Ciampa, 2012, p. 19).

Ao estar impossibilitada a metamorfose como essência da identidade humana, representada pelo *fetichismo da personagem*, o indivíduo cessa de buscar a emancipação, tornando-se agora *identidade mito*. Lima e Ciampa (2012, p. 19) vão partir de uma ótica marxista quando comentam que “[...] a personagem fetichizada é reforçada em seu comparecimento pela forma de valor social, que força os indivíduos a se reproduzirem como réplicas de si mesmos”. Em outras palavras, o indivíduo se torna um objeto que pode ser utilizado pelo ambiente em que está inserido, ligado ao valor social que ele pode agregar ao grupo.

Partindo da perspectiva dialética, Ciampa observa que a identidade deveria não apenas ser entendida como metamorfose, mas também como emancipação. O autor passou para uma abordagem compreendida como Identidade-Metamorfose-Emancipação, ou seja, a identidade passou a ser abordada como metamorfose humana em busca de emancipação, “[...] que pode ser conquistada ou não, na medida em que está sujeita ao desenvolvimento de uma identidade pós-convencional” (Filho; Santos, 2017, p. 2).

Outro conceito pensado por Ciampa (1983/1990) foi a *mesmidade* em contraposição à *mesmice*. A segunda pode levar ao aprisionamento, ao fetichismo da personagem; a primeira se refere à emancipação do sujeito frente a um mundo que desde o seu nascimento pressupõe sua identidade. O autor parte do pressuposto de que a sociedade estabelece uma relação de opressão sobre o indivíduo e que este, em algum momento, deve se movimentar, individual e coletivamente, visando reverter ou diminuir essa opressão. É nesse momento que a identidade como metamorfose torna-se real e é percebida pela *alterização*.

A *alterização* é uma mudança real e perceptível, mesmo que pareça invisível; ela é gradual. A *mesmidade* e a *alterização* se fundamentam na concepção de que “[...] não há como determinar um *a priori* para as formas de vida e a identidade dos sujeitos” (Lima; Ciampa, 2012, p. 21), sendo assim, o indivíduo não é determinado pelas pressuposições que fazem de sua identidade; por meio de sua existência ele poderá sair da *mesmice* e da fetichização e transformar-se, poderá emancipar-se. Os autores complementam que:

Nessa concepção de Ciampa, o indivíduo não é apenas um receptáculo inofensivo que incorpora as predicacões e as dramatiza no cotidiano, mas também propõe novas personagens, se autodetermina: ele não é apenas um cidadão, um membro da comunidade, ele reage também a essa comunidade e a transforma com suas reações. (Lima; Ciampa, 2012, p. 21)

Há um pressuposto de liberdade na concepção de Ciampa, pois enxerga no indivíduo um ser capaz de se libertar das amarras de uma identidade imposta, sendo ele transformado e transformador de seu meio; tem-se como horizonte para o sujeito sua emancipação como ser humano.

A *alterização* permite uma mudança no papel do sujeito; ele sai de uma identidade pressuposta e constrói outra, que não é a que lhe é prescrita. Como apresenta Ciampa (2002, p. 241; apud Lima; Ciampa, 2012, p. 22), “[...] essas identidades alterizadas se definem pela aprendizagem de novos valores, novas normas, produzidas no próprio processo em que a identidade está sendo produzida, como *mesmidade* de aprender (pensar) e ser (agir)”. A partir do fenômeno da alteridade é possível conceber um conjunto chamado de identidade-metamorfose-emancipação, três esferas identitárias.

Tendo apresentado os fundamentos da teoria da Identidade Humana de Ciampa, é necessário voltar ao início desse tópico, em que algumas ideias de

Heráclito foram lembradas. A noção de movimento e contradição é a base da teoria de Ciampa, pois defende que a identidade humana é uma totalidade que se expressa em diversas dimensões, dependendo do contexto social e da história de vida, que incluem a profissional, neste caso a docente, e a religiosa, quando o indivíduo faz parte de um grupo religioso e/ou aceita credos ritualísticos específicos.

Há uma dialética constante entre as várias dimensões representadas na totalidade do ser. Com isso, a presente pesquisa buscará compreender a dialética, o movimento, a contradição e coerências, a partir das narrativas de professores do ensino fundamental - anos iniciais de uma escola confessional adventista, abordando a esfera docente e a religiosa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como problema a seguinte proposição: Entendendo a identidade como uma totalidade que se expressa por meio de diversas dimensões, pautadas por movimentos, contradições e coerências, de que forma as dimensões da religiosidade e da docência interagem na narrativa de professoras do Ensino Fundamental - anos iniciais de uma escola da rede de ensino confessional?

Para isso, esta pesquisa, de caráter qualitativo, será do tipo exploratório, com recorte transversal e abordagem empírica, que fará uso da entrevista na modalidade reflexiva.

PARTICIPANTES

Foram entrevistadas duas professoras do Ensino Fundamental - anos iniciais, Carla e Filipa⁵, de um Colégio Adventista situado na Grande São Paulo. Como critérios de inclusão para a participação nesta pesquisa, estabeleceu-se que a professora possuísse, pelo menos, cinco anos de experiência no Ensino Fundamental - anos iniciais em algum colégio pertencente à Rede Adventista de Ensino, além de que o docente deveria participar ativamente das atividades propostas pela IASD, aceitando também suas crenças fundamentais.

⁵ Os nomes das participantes são fictício, visando manter o sigilo.

A ENTREVISTA REFLEXIVA

Esta pesquisa usou a entrevista na modalidade reflexiva, proposta por Szymanski et al., (2018). Partindo da dificuldade de compreender determinados fenômenos, as autoras propõem que tal instrumento "[...]tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado" (Banister et al., 1994, apud Szymanski et al., 2018, P.10).

A escolha por este tipo de abordagem deu-se, principalmente, por considerar a entrevista como uma interação humana real, que leva em conta os sentimentos envolvidos, de ambas as partes. É um processo dialógico entre o entrevistador, que exprime uma pergunta central e explora o conteúdo, e o entrevistado, que entrega suas vivências voluntariamente. Segundo as autoras, há uma situação "[...]em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado" (Szymanski et al., 2018, p. 12).

Essa modalidade de entrevista é composta por um momento de Acolhimento e Cuidados Éticos, uma questão desencadeadora, ferramentas de entrevista (síntese; questões de esclarecimento; questões focalizadoras; questões de aprofundamento; expressões de compreensão) e finalização da entrevista. (Szymanski et al., 2018).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao se debruçar no estudo da identidade humana, o pesquisador irá encontrar duas vias de análise principais: o aspecto coletivo, descrito pela vivência grupal, e o aspecto individual, representado pela forma como o indivíduo entende sua realidade. O presente estudo irá compreender a identidade como metamorfose, tese elaborada e defendida pelo psicólogo social Antônio da Costa Ciampa (1937-2022). Visando tratar desses dois caminhos de análise, no estudo da identidade, Ciampa (Lima; Ciampa, 2012) parte de quatro pressupostos:

A pesquisa sobre a identidade humana toma como ponto de partida as ideias de que: a) a constituição do sujeito se dá em e a partir de sua *inserção em uma rede de interações* mediadas pela linguagem; b) a identidade humana como *metamorfose é o processo permanente que se dá ao longo da socialização*; c) a *individuação*, que se dá através da socialização, depende do e está associada ao *crescimento da autonomia pessoal*; e d) a concretização de *pretensão identitária de um indivíduo*, como expressão de autonomia, *pressupõe o seu reconhecimento por outros indivíduos* (Lima; Ciampa, 2012, p. 15).

Desses pressupostos surgirão os caminhos para a discussão a seguir. Os termos destacados serão comentados e unidos às falas das professoras participantes, como forma de compreender suas realidades segundo essa teoria.

Ao iniciar sua análise, Ciampa (1983/1990) conceitua que “[...]cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal” (p. 127) e, assim sendo, atribui a existência de personagens, que seriam a expressão empírica da identidade. A personagem vivencia uma história pessoal, *está-sendo* em um contexto histórico específico e carrega projetos de vida próprios. Com possíveis alterações das características, a identidade é metamorfose.

Tudo se inicia com o nome. Carla e Filipa se nomeiam no início das entrevistas e, com isso, autenticam sua identidade que é “o símbolo de nós mesmos” (Ciampa, 1983/1990, p. 131). Ciampa (1983/1990) completa: “um nome nos identifica e nós com ele nos identificamos. Por isso dizemos “eu me chamo...”. Então nós *nos chamamos*, mas isto só depois de uma certa idade, pois inicialmente apenas *somos chamados* por um nome que nos foi dado” (p. 131).

O nome é uma das várias representações da identidade, é um “traço estático que define o ser” (Ciampa, 1983/1990, p. 135). Nas entrevistas, percebemos primeiro que as professoras nomeiam a si mesmas e, em seguida, começam a narrar suas trajetórias profissionais, pois o indivíduo, agora, “é o que faz” (p. 135). Nesse momento, as personagens falam sobre os seus fazeres, sobre seus papéis. Há uma escolha pela atividade, pelos papéis que irá desempenhar.

Carla: Quando me interessei em dar aula, foi quando terminávamos o oitavo ano e escolhíamos entre contabilidade, secretariado ou magistério. No momento eu fiquei caída pelo secretariado, mas minha mãe falava que não daria certo e que eu “poderia fazer uma outra profissão”. Então fiz o magistério.

Filipa: Tudo começou na minha infância. Eu sempre admirei os professores, sempre gostei muito de ajudar, sempre fui muito proativa. Durante o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, eu sempre

fui muito amiga dos professores, sempre me identifiquei muito. E ali eu já fui traçando metas. “Ah, esse caminho eu quero seguir, o outro não”. [...]Antes eu fazia bicos, trabalhei numa creche com 13 anos. (...), Eu falo que eu nasci para trabalhar, não nasci para ser do lar. Gosto da minha casa, gosto de cozinhar, gosto de cuidar das minhas coisas, mas eu gosto de trabalhar.

Para Ciampa, “O *papel* é uma atividade padronizada previamente” (1983/1990, p. 136). A atividade tem como base a relação com os outros, o indivíduo é relação, é interação constante com os outros indivíduos que necessitam, também, de relação. Ciampa diz ainda: “A personagem já nos aparece como atividade e como relação (com os outros que a negam e por isso a determinam)” (1983/1990, p. 137). Para que o indivíduo seja identificado, o outro deve, primeiro, o diferenciar dos outros sujeitos, sendo assim, “[...]identificar também é confundir, unir, assimilar. Ora distingue, diferencia, ora confunde, une, assimila. Diferente e igual.” (Ciampa, 1983/1990, p. 137).

Tanto na esfera analisada, a partir das falas acima, como com a religiosidade, percebe-se o fenômeno, descrito no Capítulo 2, das socializações primária e secundária (Berger; Luckmann, 1973/2012). Na socialização primária o indivíduo é apresentado aos conteúdos da realidade objetiva que o cerca, tendo sua família como mediadores. O sujeito irá olhar os acontecimentos externos e irá interiorizá-los, podendo, posteriormente, criar e recriar aquilo que adquiriu.

As professoras nasceram em um “berço cristão” e aceitaram com entusiasmo seguir o caminho oferecido pelos cuidadores, pois elas internalizaram aquele conteúdo proposto inicialmente em sua infância, e, chegando à idade mais avançada, momento da socialização secundária, quando foram introduzidas a uma relação mais institucionalizada, como, por exemplo, a Igreja, seguiram assumindo as funções e vocabulários específicos do grupo de origem.

Carla relata que foi introduzida à religiosidade adventista por sua família, que também a influenciou na escolha por uma profissão. Filipa, também apresentada precocemente à religião, seguiu o mesmo caminho, mas, em um dado momento, quando conheceu seu esposo, optou por mudar do grupo do qual fazia parte, passando a se expressar por vocabulários e crenças do “novo” grupo, a IASD.

Ambas as professoras, pela esfera profissional, internalizaram os conteúdos da EA, vindos dos pressupostos da linha Adventista. Por isso, é possível observar grande coerência entre o que a IASD propõe desde o seu início, especialmente no âmbito da

educação, com a fala e a prática das professoras. Elas não somente absorveram os papéis e atitude dos outros, mas assumiram o mundo deles.

Durante vários momentos da entrevista, ambas as professoras relataram que sua atividade está conectada às relações presentes, seja com a família, com pais, alunos e gestão:

Carla: Dito e feito, trabalhei 2 ou 3 anos como estagiária; no segundo ano de estágio eu já estava com a sala. [...] eu trabalhava no Estado, alguns pais não eram muito interessados, alguns às vezes nem tinham condições de comprar o material e isso a gente percebia. [...] Alguns alunos não conseguiam tomar banho e ficavam com cheiro de fumaça. E fome, eles tinham muita fome. Aquilo me chocou. Tinham piolhos, tadinhos, dava dó, até eu peguei. Eu lembro que cheguei em casa e falei para minha mãe que a situação daquele lugar era feia mesmo. A coordenadora me falou: “Eu tenho uma mudança com você, tem uma sala nova pra você, os alunos e os pais são novos”.

Filipa: Foi quando eu conheci o (C.). Quando eu terminei o Ensino Médio, eu não quis estudar, eu quis me casar (risos). Com 18 anos eu me casei. [...] Então, eu o conheci. Só que a gente se deu muito bem.

Nesse histórico, no qual a personagem *está-sendo*, acontecem as metamorfoses. A personagem adquire para si diversos papéis na realidade, e sabe-se que “a realidade sempre é movimento, é transformação” (Ciampa, 1983/1990, p. 141). Os papéis passam a coisificar a personagem, o que antes era aquilo que ela fazia (verbo), torna-se o que ela é (substantivo). Com isso, as narrativas de Carla e Filipa trazem evidências de mudanças ao longo de suas trajetórias, marcadas por alterações, ou não, em seus papéis.

Para exemplificar, Carla era Carla-filha, pois não sabendo exatamente como seguiria sua vida, aceitou as admoestações de sua mãe. Após decidir pelo magistério e entrar para a área profissional, a professora apresenta-se como Carla-professora, que sonhava em mudar o mundo por meio de sua prática. Ao longo da narrativa, aparece a Carla-religiosa e a Carla-mãe. A metamorfose vai ocorrendo no percurso que está sendo vivenciado. Um dos exemplos mais marcantes aparece quando Carla-professora recém-formada toma consciência das diferenças entre teoria e prática na educação.

Carla: Quando me interessei em dar aula, foi quando terminávamos o oitavo ano e escolhíamos entre contabilidade, secretariado ou magistério. No momento eu fiquei caída pelo secretariado, mas minha mãe falava que não daria certo e que eu “poderia fazer uma outra

profissão". Então fiz o magistério. Antes de trabalhar lá (Colégio Adventista) eu fui trabalhar em uma escola que tinha os mesmos princípios adventistas. [...]Era por causa das filhas, precisava de uma escola onde pudesse ensinar aquilo que a gente vive. Já frequentávamos a igreja, eu sou adventista de berço e eu precisava de uma escola melhor para elas. Já frequentávamos a igreja, eu sou adventista de berço e eu precisava de uma escola melhor para elas. E Deus, graças a Deus, me abençoou com este trabalho (...).

Carla: Porque nos livros, nós vemos uma escola bonita, uma escola sem problemas, sem alunos com dificuldades. Nós vemos alunos ali certinhos. Mas na realidade foi bem difícil para eu aceitar.

Também é possível fazer uma análise sobre Filipa. A professora assume diversos papéis sociais, como Filipa-esposa e Filipa-mãe, depois relata que nasceu para o trabalho. A Filipa-estudante, situação que ficou muito marcada em suas falas, em seguida Filipa-religiosa e Filipa-professora.

Filipa: Foi quando eu conheci o (C.). Com 18 anos eu me casei. [...]Então, eu o conheci. Só que a gente se deu muito bem. **Eu sempre fui cristã, sou cristã de berço,** Adventista da Promessa. (...). Eu nasci num berço cristão. Então, eu nunca frequentei balada, nunca bebi, sou "de berço". [...]O meu esposo era Adventista do Sétimo Dia, eu não.

Filipa: Lá (UNASP) eu comecei a participar dos programas. Me tornei representante espiritual, eu comecei a entrar de cabeça nessa parte.

Filipa: O professor tem a capacidade de evoluir ou destruir a vida do aluno. Ele tem o poder para isso. Então, dependendo da forma que ele aborda, da forma que ele trabalha, ele pode fazer a turma avançar ou desmotivar.

O discurso de Filipa traz uma temática interessante, a transformação de sua fé. Como já comentado em tópicos acima, a professora desviou da linha teológica na qual se baseava, através das influências de seu esposo.

Filipa: A gente tinha muitas coisas que divergiam. A questão do Espírito Santo, da intenção de língua. A Igreja Adventista da Promessa acredita no dom de línguas, na revelação. [...]O conflito sobre o Espírito Santo. [...]Porque agora sou do Sétimo Dia também. Mas na época a gente defendia muito essa questão. Biblicamente falando, teve base para a teoria. Não foi algo emocional. Porque a maioria das igrejas busca muito fortemente a parte do sentir. O sentir, a parte emocional. [...]Me tornei, com o tempo, adventista do Sétimo Dia.

A última reflexão aqui levantada é o possível entrelaçamento entre as identidades religiosas e docentes. A partir das narrativas, percebeu-se uma relação íntima entre as concepções religiosas das participantes com a forma que

compreendem e praticam a docência. Em ambas as professoras, a docência parece ter surgido posteriormente à religiosidade. Ou seja, já estavam inseridas em um grupo religioso específico antes de definirem suas trajetórias profissionais. As influências foram grandemente observadas, uma vez que compartilham de opiniões semelhantes sobre educação, ensino, visões de aluno/professor/gestão, da cosmovisão teológica adventista. É possível dizer que ambas construíram uma personagem para seus papéis profissionais: professora-cristã-adventista. Esta personagem entrelaça e articula de maneira muito íntima as identidades docente e religiosa. Entretanto, em muitas falas, parece que a identidade religiosa “dirige” a prática docente; neste caso, poder-se-ia falar nas personagens cristã-adventista-professoras.

Nesse contexto, as participantes apresentam uma narrativa marcada por interações, mediadas pela linguagem, com outros indivíduos, aparecendo, assim, a metamorfose em vários momentos, por conta e/ou a partir da atribuição de papéis que vivenciavam. Participando de um contexto social definido, o campo docente e religioso, as professoras apresentaram opiniões semelhantes das quais a linha cristã adventista compreende o que é educação, ensino, visão de aluno/professor/gestão. Suas vivências em sala de aula são influenciadas pela aceitação de um referencial religioso específico, no caso o cristão-adventista. As narrativas auxiliaram no descobrimento de possíveis personagens e papéis, visto que houve uma descrição pessoal da história pessoal, do contexto histórico e de seus projetos de vida.

Foi possível observar individuação e autonomia nas participantes; no entanto, seria interessante investigar as possibilidades de emancipação, pela mediação entre religiosidade e docência a partir de suas narrativas. Sabe-se, pois, que o sujeito pode viver o fenômeno da *mesmice*, ou seja, quando os ritos sociais impõem uma identidade fixa, com base na prescrição de papéis postos para o sujeito que, ao permanecer na reposição desses papéis, não consegue *ser-para-si*. Assim, a *mesmice* mantém uma identidade rígida, a *identidade-mito*, que se concretiza pelo *fetichismo da personagem*, deixando de ser movimento, metamorfose. Ciampa (1983/1990) comenta que a *mesmice* pode ser considerada como *morte da identidade*, isto é, ela deixa de ser metamorfose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do referencial de Ciampa, percebeu-se que as participantes apresentam uma narrativa marcada por interações, mediadas pela linguagem, com outros indivíduos, aparecendo, assim, a metamorfose em vários momentos, por conta e/ou a partir da atribuição de papéis que vivenciavam. Participando de um contexto social definido, o campo docente e religioso, as professoras apresentaram opiniões semelhantes às que a linha cristã adventista compreende sobre educação, ensino, visão de aluno/professor/gestão. Suas vivências em sala de aula são influenciadas pela aceitação de um referencial religioso específico, no caso o cristão-adventista. As narrativas auxiliaram no descobrimento de possíveis papéis e personagens, visto que houve uma descrição pessoal da história pessoal, do contexto histórico e de seus projetos de vida.

Observou-se a individuação e a autonomia nas participantes, no entanto, seria interessante investigar possíveis temáticas de emancipação, por conta da grande mediação que a religiosidade tem apresentado com a docência. Nesse caso, o sujeito pode viver o fenômeno da *mesmice*, ou seja, quando os ritos sociais impõem uma identidade fixa, com base na prescrição de papéis postos para o sujeito que, ao permanecer na reposição desses papéis, não consegue *ser-para-si*. Assim, a *mesmice* mantém uma identidade rígida, a *identidade-mito*, que se concretiza pelo *fetichismo da personagem*, deixando de ser movimento, metamorfose. Ciampa (1983/1990) comenta que a *mesmice* pode ser considerada como *morte da identidade*, isto é, ela deixa de ser metamorfose.

É necessário que novos estudos sejam realizados unindo as três temáticas primordiais: a religiosidade, a docência e a identidade. Pode-se indicar que o método utilizado aqui seja generalizado para indivíduos os mais variados, trabalhando com outras linhas teológicas e cosmovisões diferentes. Não só a revisão de literatura, mas também os resultados, expressam que a religiosidade é uma esfera presente e se manifesta em parte dos professores; sendo assim, carrega certa relevância como tema de pesquisa, tendo como base a psicologia da educação e áreas correlatas, como a psicologia social e a psicologia escolar. Indica-se, também, a possibilidade de utilização de outros métodos, como estudos longitudinais e/ou os de caráter quali-quantitativo.

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES e HERÁCLITO. **Os pensadores originários** (1a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BAPTISTA, M. T. D. D. S. **A Identidade do professor universitário** (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, São Paulo, SP, Brasil, 1992.

BERGER, P. L., e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade** (34a ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

CADWALLADER, E. M. **Filosofia básica da Educação Adventista** (1a ed.). Centro White Press. Disponível em: <https://encurtador.com.br/btJQR>, 2006.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio de psicologia social** (2a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

FILHO, J. A. S., e SANTOS, B. O. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. **Psicologia & Sociedade**, 29, p. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29170491>, 2017.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Yearsbook 2021: Office of archives and statistics General Conference of Seventh-day Adventist**. Silver Spring, MD: Review and Herald. Disponível em: <https://encurtador.com.br/rBMT6>, 2022.

KNIGHT, G. R. **Educando para a eternidade: Uma filosofia adventista de educação** (1a ed.). Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

LIMA, A. F., e CIAMPA, A. C. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In A. F. Lima (Org.), **Psicologia Social Crítica: Paralaxes do contemporâneo** (1a ed., p. 11-30). Porto Alegre, RS: Sulina, 2012.

REALE, G. **Pre-Socráticos e Orfismo** (2a ed.). São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012.

SZYMANSKI, H., ALMEIDA, L. R. DE, e PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: A prática reflexiva** (5a ed.). São Paulo: Autores Associados, 2018.

Nota

Este artigo é resultado da Dissertação de Mestrado com o título: “Interações entre a identidade docente e a identidade religiosa em professores de uma escola confessional adventista”, orientado pela Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, professora no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2023, financiado pela CAPES.